

## A LENDA DE ARTHUR E O NEOPAGANISMO

Janluis Duarte

É inegável a atração e o fascínio que os personagens e lugares que compõem o ciclo relacionado ao Rei Arthur exercem sobre os praticantes de diversas denominações neopagãs, em especial sobre os *wiccans*<sup>1</sup>. Figuras como o Mago Merlin e Morgana das Fadas povoam o imaginário de muitos desses praticantes, bem como sua suposta ligação com lendas celtas e resquícios de uma antiga religião pagã das Ilhas Britânicas. Bruxos e bruxas modernos, em visita à Inglaterra, dificilmente resistem à tentação de visitar locais tradicionalmente associados ao reinado de Arthur, como as ruínas de Tintagel ou a Abadia de Glastonbury, identificada com a Avalon onde o corpo do rei teria sido sepultado.

De onde provém tal fascínio? Há alguma relação real entre o Ciclo Arthuriano e os fundamentos da moderna bruxaria neopagã? Indo mais além: existe *alguma realidade* por trás do mítico Arthur?

Como historiador, não sou um especialista sobre o “Arthur histórico”, ou mesmo sobre as antigas crenças britânicas. Na verdade, dificilmente alguém o poderia ser sem ter um conhecimento bastante profundo do idioma galês, inclusive em suas formas arcaicas. No entanto, posso me arriscar a responder as perguntas acima a partir do meu conhecimento da historiografia sobre o tema e, é claro, a partir do meu próprio objeto de pesquisa, o neopaganismo.

A última das perguntas que formulei é a que deve ser primeiro respondida. Existiu um Arthur? Caso tenha existido, quem era ele, em que contexto histórico viveu e qual a sua relação com os demais personagens que compõem a sua saga?

Embora ainda haja dúvidas e incertezas a respeito do assunto, vários historiadores britânicos, hoje em dia, concordam com a existência de Arthur. Baseiam-se, para isso, em alguns manuscritos medievais cuja antiguidade pode ser constatada a partir da *forma* como foram escritos (características da linguagem, etc.). Os principais desses manuscritos são o *De Excidio Britanniae*, escrito por Gildas em torno do ano 500, o *Ecclesiastical History of the English People*, escrito por Bede em 731, e o *Historia Brittonum*, de 829, atribuído a Nennius. Além destes, existem evidências sobre

---

<sup>1</sup> Praticantes da *Wicca*, ou moderna bruxaria neopagã, religião fundada pelo ocultista inglês Gerald B. Gardner em fins da década de 1950 e que conta com mais de um milhão de praticantes no mundo.

Arthur num poema bardo chamado *Y Gododdin*, que foi registrado pela primeira vez de forma escrita no século XIII, mas que data, provavelmente, de fins do século VI.

O Arthur que se pode traçar a partir dessas fontes, no entanto, é bastante diferente daquele das lendas. Ele teria vivido no século V, período em que o Império Romano já havia abandonado há algum tempo as Ilhas Britânicas, deixando para trás basicamente três legados: fortificações abandonadas, rudimentos de organização estatal e militar e, especialmente, o cristianismo. As antigas províncias romanas haviam sido ocupadas por povos de origem celta – bretões, pictos e *scots* – que se deparavam com a ameaça de invasão de seus territórios por povos de origem germânica, por eles chamados genericamente de saxões.

Nesse contexto, o Arthur real, que foi posteriormente imortalizado como o lendário Rei Arthur, teria sido um *dux bellorum*, um “senhor da guerra”, o qual teria sido responsável por importantes vitórias dos bretões sobre os saxões. As opiniões se dividem, no entanto, em relação a sua origem. Ele poderia ter sido um líder de batalha, liderando as forças reunidas de diversos “reis” bretões; um simples guerreiro bárbaro do qual o talento bélico perpetuou os feitos, ou mesmo o líder de um grupo de ajuda militar romano, enviado do continente a pedido dos chefes bretões.

Seja como for, essas fontes mais antigas *não* o caracterizam como um “rei de toda a Bretanha” (embora possa ter exercido militarmente tal liderança), mas simplesmente como um guerreiro notável. Da mesma maneira, não indicam nenhum dos outros elementos presentes na lenda de Arthur.

Onde estão, então, os cavaleiros com armaduras reluzentes, que sentavam-se em torno da Távola Redonda no castelo de Camelot; a famosa espada Excalibur, a magia de Merlin e de Morgana, o adultério da rainha Guinevere e a traição de Mordred?

A resposta é simples: tais elementos foram sendo acrescentados posteriormente *em torno* da figura de Arthur. Alguns eram ambientações para a contemporaneidade da época em que as modificações foram feitas – castelos e armaduras, por exemplo. Outros eram parte de outras tradições ou lendas, onde copistas inseriram o nome de Arthur.

Se, na *Historia Brittonum*, Arthur era descrito como o supremo líder cristão, lutando contra os saxões pagãos, entre o século IX e o século XII poemas galeses como o *Preideu Annwfn* passaram a retratá-lo como uma figura mítica, uma espécie de super-homem, lutando lado a lado ou comandando outros guerreiros igualmente míticos, muitos deles espelhados em personagens das lendas irlandesas. Surgem daí os “bravos homens de Arthur”, ou os cavaleiros da Távola Redonda.

Um autor bretão do século XII, Geoffrey de Monmouth, em sua *Historia Regum Britanniae* – obra da qual restaram diversos manuscritos ligeiramente dessemelhantes – foi o responsável pela introdução na lenda de Arthur de vários outros elementos. Para escrever sua “História dos Reis da Bretanha”, baseou-se em algumas das fontes já citadas e certamente conhecidas por ele, bem como no material que ele alegadamente recebera do arcebispo de Oxford. É na obra de Geoffrey que surge, pela primeira vez, o mago Myrddin (Merlin), o pai de Arthur, Uther Pendragon, a espada *Calaburus* (Excalibur), a esposa Gwenhwyvar (Guinevere), a batalha final contra Mordred e o repouso em Avalon.

Ainda em fins do século XII, Chretien de Troyes, francês, acrescenta outros elementos à lenda, incluindo as figuras de Lancelot e Gawain e a busca do Santo Graal, que acaba por se tornar central nas versões seguintes. E estas são muitas e sucessivas, e passam a despertar interesse crescente nos séculos seguintes. Em 1470, a história de Arthur e seus cavaleiros recebe a sua versão praticamente definitiva, na obra de Sir Thomas Mallory, *La Mort D'Arthur*.

Resumindo o que vimos até agora: o Arthur “real” (se existiu) deve ter sido um personagem importante nas batalhas entre bretões e saxões, em fins do século V. Provavelmente não era um rei, mas um líder guerreiro valoroso o suficiente para ser lembrado nas crônicas de seu povo. Nos séculos seguintes, até a Baixa Idade Média, diversos elementos foram acrescentados à sua figura, por motivos políticos, religiosos ou meramente literários.

Cumpra agora discutir como a história de Arthur, da forma como chegou aos nossos dias, acabou por se tornar uma espécie de ícone do neopaganismo. Afinal, desde as referências distantes ao Arthur real até a imensa maioria das fontes posteriores, que mergulharam definitivamente na lenda, todas descrevem Arthur e seus cavaleiros como paladinos do cristianismo. As fontes medievais que misturam personagens míticos das lendas irlandesas a Arthur já não tomam esses personagens como deuses ou semideuses, mas sim como heróis lendários. As alusões à magia de Merlin ou Morgana não fazem referência a antigas religiões pagãs, mas é a mesma magia que surge em diversos contos medievais. A própria Ilha de Avalon, para onde o corpo de Arthur é transportado, não é um lugar mítico do paganismo celta, sendo antes associado à Abadia de Glastonbury.

Vejamos... O romantismo do século XIX trouxe consigo um interesse renovado pelo “paganismo”. A temática pagã tomou de assalto a literatura européia, em especial nos países protestantes. Se uma boa parte dessa literatura se remetia a símbolos e mitos

tirados da mitologia greco-romana, outra parte foi buscar elementos no folclore local. Obras de folcloristas, como o *The Golden Bough*, de Sir James G. Frazer, fizeram a sua parte ao descrever – mesmo de forma equivocada – uma religião pagã que não derivava diretamente dos modelos clássicos. Numa atmosfera cultural que opunha “valores pagãos” à “decadência cristã” e que propunha a existência de “resistências” ou “sobrevivências” pagãs ao longo da Idade Média, não é de se estranhar que o interesse pelo ciclo de lendas de Arthur fosse renovado.

Diversas rerepresentações da lenda de Arthur que se seguiram, portanto, passam a deixar de privilegiar o caráter notadamente cristão da “busca do Graal” para se concentrar em aspectos que poderiam ser ligados ao folclore britânico tradicional. As figuras de Merlin e Morgana, por sua associação com os druidas e com a magia, são obviamente preferidas. Um exemplo clássico, já da segunda metade do século XX, é o desenho animado dos estúdios Disney, *A Espada era a Lei* (1963), que não apenas é centrado na figura de Merlin, como resgata um tema clássico do folclore céltico: a disputa entre dois magos que se transformam sucessivamente em diversos animais.

A guinada definitiva do Ciclo Arthuriano em direção ao neopaganismo, ou antes, do neopaganismo em direção à lenda de Arthur, no entanto, se dá com uma obra bastante recente. Trata-se de *As Brumas de Avalon*, da escritora norte-americana Marion Zimmer Bradley, de 1979.

Marion, nascida em 1930, foi leitora voraz desde a infância e escritora prolífica a partir da adolescência. Dizia ter praticamente decorado *As Lendas do Rei Arthur*, de Sidney Lanier, aos dez anos de idade, e ter lido a versão completa (em 10 volumes) do *The Golden Bough*, de Frazer, aos 15. Sendo ela mesma uma simpatizante do feminismo, certamente estava a par de teorias correntes entre as feministas dos anos 1970, como aquelas da antropóloga Marija Gimbutas, que opunham uma “Religião da Deusa”, pré-cristã, que teria sido suplantada pelo cristianismo, a “Religião do Deus”.

Dispondo de tal bagagem, Marion reescreveu o ciclo Arthuriano nos quatro volumes das *Brumas* a partir de uma ótica feminina. Personagens centrais, como Morgana, tornaram-se defensoras da “religião antiga tradicional” da Bretanha diante do cristianismo progressivamente assumido por Arthur. A parte das inovações decisivas introduzidas pela autora, no entanto, as *Brumas* mantiveram a tradição de transportar para a Bretanha do século V, usos e costumes há muito abandonados ou que só se

desenvolveriam séculos depois. Não por acaso, Marion foi uma das fundadoras da “Sociedade para o Anacronismo Criativo”<sup>2</sup>.

Seja como for, o imenso sucesso de *As Brumas de Avalon* cumpriu vários papéis. Entre militantes, foi eleito uma espécie de “Bíblia do feminismo”. Para muitos wiccanos da década de 1980, já bastante influenciados pela associação feminista da Wicca com a “religião da Deusa”, tornou-se uma descrição – se não acurada, pelo menos “inspirada” – do que teria sido esta religião em tempos antigos. E para muitos milhares de leitores, tornou-se não apenas uma apresentação para o Ciclo Arthuriano, mas o gatilho que despertou seu interesse para essa suposta “antiga religião”. Este interesse levou inúmeros a conhecer o neopaganismo e a Wicca, e vários a ingressarem em suas fileiras.

Voltando, portanto, às duas primeiras perguntas que formulei no início deste artigo, creio ser possível afirmar o seguinte: a única ligação real existente entre o neopaganismo e o ciclo das lendas Arthurianas é a obra de Marion Zimmer Bradley. A fantasiosa descrição dessa autora de uma Inglaterra pré-cristã, ou às vésperas do cristianismo, provém das mesmas fontes que deram origem à própria bruxaria neopagã: anacronismo, antropologia discutível ou mal compreendida e, sobretudo, uma capacidade imensa de romancear o passado, tornando-o adequado aos próprios interesses. Gerald Gardner, ao deixar seu legado tardio na forma de uma das mais novas, instigantes, polêmicas e atraentes religiões ocidentais, em fins da década de 1950, usou os mesmos elementos, mas nunca teria pensado em tal associação (bem como em muitas outras que surgiram nas décadas seguintes).

Resta a questão do fascínio. Como vimos, a lenda de Arthur sempre despertou paixões, seja em que formato fosse repetida. Ao ser apresentada de uma forma que, ao mesmo tempo, lhe atribuía coerência e lhe associava a um passado mítico e convenientemente contracultural, ela despertou em muitos o sabor da fantasia. Ansiosos por contestar padrões estabelecidos, numa sociedade ocidental de fim de século, onde vários sonhos haviam acabado, inúmeros se lançaram em busca de um tempo mais harmonioso, no qual a mão pesada do cristianismo ainda não estabelecera seu domínio, e no qual bruxas e feiticeiros – sacerdotes de um culto de harmonia com a natureza – *podiam* mais do que o rei. Como consequência natural, descobriram a bruxaria neopagã, então solidamente estabelecida, e a confundiram com aquilo que leram em Bradley e outros autores.

---

<sup>2</sup> Instituição criada nos Estados Unidos, em 1966, por escritores que se propunham a reinventar a Idade Média segundo suas próprias fantasias.

Não creio ser possível contestar que aquilo que nos lança em um novo mundo seja, sempre, fascinante.

---

**Referências Bibliográficas:**

GEARY, Patrick J., *O Mito das Nações*. São Paulo: Conrad Editora, 2005.

GIDLOW, Christopher. *O Reinado de Arthur*. São Paulo: Madras, 2005.

HUTTON, Ronald. *The Triumph of the Moon*. Oxford: Oxford University Press, 1999.